

TEATRO
DE 2 A 6 FEVEREIRO 2016

Final do Amor

de Pascal Rambert

Encenação de Victor de Oliveira

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Texto Pascal Rambert (*Clôture de l'amour*, 2011) **Tradução e encenação** Victor de Oliveira
Com Gracinda Nave e Victor de Oliveira **Participação especial** Dinis Silva, Leonor Moreira, Bernardo Barroca e Matilde Almeida (do Conservatório de Música Sons e Compassos) **Cenografia e desenho de luz** Michel Gueldry **Música** Vítor Rua **Video** Edgar de Oliveira e Miguel Osório **Figurinos e assistência de encenação** Cláudia Lopes Costa **Agradecimentos** Frederico Pais, Ana Capote, Ricardo Pinto, Mafalda Roma, Moyrika Reker e Carlos Silva/Le Salon
Coprodução Culturgest e Roundabout.lx

De ter 2 a sáb 6 de fevereiro
21h30 · Pequeno Auditório · Duração aprox. 1h40 · M14

Um combate de boxe é sem dúvida uma das primeiras coisas em que penso em relação a *Final do Amor*. Dois rounds para uma partitura rugosa, áspera, brutal. Uma tragédia contemporânea feita de ganchos e *uppercuts* discursivos em que a linguagem se torna o elemento central, fundamental para suportar a incapacidade de evitar o inevitável.

A guerra do quotidiano sem artifícios, sem *happy end* hollywoodiano, sem sequer se tocar, sem concessões.

Um homem sobe para cima de um palco e fala. Fala à mulher que o escuta. Nada mais interessa senão a essência do que é dito, do que ele tem para dizer. Ela ouve, tudo, até ao fim, e depois responde, tudo, até ao fim. Não há mais nenhum enredo, nada a representar para além da dificuldade de dizer o fim do amor (final do amor), a encontrar as palavras, a encontrar o ritmo, a cadência, uma retórica guerreira complexa e implacável.

Tudo isso através de palavras-soco, que batem forte, machucam, deixam vestígios. As questões/respostas sucedem-se, a respiração bloqueia-se, torna-se uma espécie de abismo entre o medo e a libertação, entre o alívio e o choque, entre as palavras precisas e as palavras que nos escapam, que se repetem, variações e precisões ao infinito.

O palco é o ringue, e tal como num combate, a posição dos corpos é essencial, a exigência da linguagem obriga a um trabalho de cada membro do corpo, do seu corpo em relação ao que se diz, e do seu corpo em relação à posição do corpo do outro. A dinâmica dos corpos integra-se na dinâmica das palavras.

Trata-se de um teatro do corpo e da linguagem.

Trata-se do último round. E a violência do choque é brutal, sem piedade nem pieguices onde tudo se vê como se olhássemos pelo buraco da fechadura.

Em *Final do Amor*, existe ou deve existir algo ligado à *performance*. Tornar o público testemunha de uma situação do presente, uma situação que se vive (se representa) aqui e agora e em que a unidade de ação, espaço e tempo é única porque a história é única, definida pelo tempo da representação única e exclusivamente.

As personagens chamam-se Vítor e Gracinda, e embora seja evidente que não se trata das nossas histórias, a utilização dos próprios nomes leva a um terreno ambíguo e sem o filtro do fictício, o que se diz avança ainda mais profundamente, todo o “sistema de construção” a que estão habituados os atores vacila, torna-se frágil. O objetivo não é então o de criar uma personagem, mas sim de pôr a arte do ator ao serviço da essência da palavra, da relação com o outro, da emoção pura do que se diz e do que se ouve. A fronteira é ténue, os códigos teatrais baralham-se e a identificação do espectador pode então tornar-se ainda mais simples e imediata.

Tudo gira em volta dessa personagem que todos pensamos conhecer e que nos escapa constantemente, o Amor, o mistério do amor. Que palavras encontrar quando já não há “mais nada a dizer”? Como é que nos mantemos de pé quando o que ouvimos nos deixa vazios, ocos? De que maneira a tragédia do quotidiano pode “elevar-se”, integrar a

dimensão cultural do amor e a dimensão natural do sentimento amoroso, para ir mais além, ir buscar lá longe, no fundo das entranhas, a força para habitar cada palavra, cada olhar, torná-las simples na sua complexidade, torná-las límpidas quando nos parecem obscuras, e avançar pouco a pouco, passo a passo.

Victor de Oliveira

Escrevo para os atores

Escrevo *Final do Amor* para Stanislas Nordey e Audrey Bonnet. Foi Stanislas Nordey que me falou disso primeiro. Que me disse: “Gostava um dia de representar nas tuas peças.” Eu disse OK. Disse tenho a ideia de separação dura. Uma separação dura entre alguém da tua idade e uma jovem mulher também da tua idade. Disse gostava que fosse a Audrey Bonnet. Ele disse “Gosto muito da Audrey Bonnet”. Então eu disse vamos perguntar à Audrey. A Audrey disse “sim”. Escrevo para Stanislas Nordey. Escrevo para a sua maneira de projetar as palavras. Aquela maneira articulada de dizer a língua francesa. Aquela maneira única de fazer da linguagem uma respiração inteira do corpo. O corpo respira em Stanislas Nordey. Cada palavra torna-se – da primeira à última letra – um mundo completamente projetado. São facas. Lâminas brilhantes preparadas. Engatadas. Armadas. Arrumadas com cuidado. Preparadas para saírem ordenadamente. Palavras por ordem: no seu aspeto primeiro, secundário, terciário. Com toda a objetividade frontal e fria.

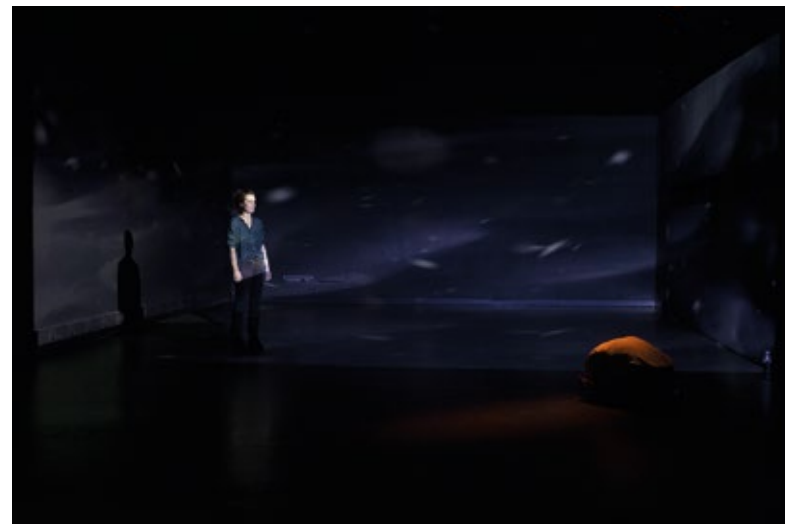
Ali mesmo, em frente à boca. Levadas pela potência nervosa e seca do corpo. O corpo é seco. Preciso. Mau. A boca é móvel, insatisfeita, amarga. Os olhos acompanham uma espécie de pânico que não se interrompe. Um espanto. A mão, depois as mãos, prolongam a ideia. Saem-lhe do corpo como se fossem balões de BD renitentes, frios ou subitamente em chamas. O corpo é o suporte. Traz consigo toda a dicção. Ele é na verdade dicção. Nada nunca é satisfatório na elocução. Nada. Vemo-lo bem: as mãos, a boca, os olhos, as pernas – esse bailado difícil – procuram, avançam, tornam a sair, a entrar, saem, re tornam a entrar, re saem (não escorregam nunca: nunca), vão para a frente, vão para longe (até ao palco), para o chão – sobretudo para o chão – em cima (maioritariamente para cima mas mais na horizontal exata do chão), reprimem, exasperam, recomeçam (nunca batem em retirada: nunca), voltam a recomeçar: e pronto, o sentido está ali. O sentido está ali. Em frente. À nossa frente. Seguimos o sentido desde o interior do corpo de Stanislas Nordey (estava na boca, estava nas mãos, tínhamo-lo visto nas pernas, no peito), agora o sentido está ali vindo do interior do corpo até chegar à nossa frente. Material. Sem piada. Bruto. Assim toma o sentido não há problema ele está aí real sem piada está aí toma pega no sentido. Aquilo é uma massa. Do princípio ao fim. De fragmentação ainda por cima. Para causar os devidos danos à cabeça.

Escrevo para isso. Para isso no Stanislas.

Escrevo para Audrey Bonnet. Então Audrey Bonnet, que ficou sem dizer uma palavra uma boa meia hora a ouvir (tudo isto por cima) as precisões de Stanislas Nordey (a personagem) que lhe explica com as mãos, com a boca, com o peito porque é que ele a deixa (final do amor) então Audrey Bonnet (a sua personagem) engole a saliva e responde. Escrevo para a Audrey. E é parecido mas nada parecido com Stanislas Nordey. Escrevo para a Audrey. Escrevo para o corpo da Audrey. Para essa curva fina de alto a baixo que escuta. A Audrey escuta. Escrevo para essa escuta e para esse corpo curvo e fino que se calou e que depois fala. E então quando fala fala a direito duro e com um tom médio-grave. Por vezes sobe para uma espécie de curvas ines-

peradas num registo alto e depois desce na diagonal em voo picado para o baixo super rápido. E depois pára. E volta a escutar. E é o silêncio. O corpo que espera. Respira. Respira desde o princípio isso de certeza. Mas espera. Sabe como ninguém criar o silêncio o corpo de Audrey Bonnet. Dizer e depois? Ter de repente um ar super ativo na imobilidade total. Quase parvo. Tipo idiota da aldeia. Eu estou aqui. Preencho (com o meu silêncio) o teu espaço. Espero.

E retomo. As palavras são redondas. Lisas. As palavras são lisas e espinhosas. Por vezes totalmente abandonadas à sua frente porque a dúvida está no sentido. A dúvida toma o sentido. O sentido é posto em dúvida em frente à boca como peixes mortos nos olhos dos quais vemos a frescura. Estás vivo sentido?



© Edgar Oliveira

Qual é o teu reverso? Qual é a tua folha de rosto? Hello??? Começa onde parece? Vai para que lugar? Há isto na atuação de Audrey Bonnet: uma incredulidade. Um sobressalto. Uma escuta que escuta o que é bruto, direto, material, o sem piada e que diz: ah é? Ah é? E lá recomeça tal como o combatente imóvel Audrey Bonnet lá recomeça volta a agarrar as palavras diretas, brutas, materiais, metálicas, sem piada de antes e pega nelas e olha para elas como peixes mortos para ver se ainda lá há vida se o amor (final do amor) está mesmo morto.

Pascal Rambert
Abril de 2010



© Edgar Oliveira

Pascal Rambert

Dramaturgo, encenador, realizador e coreógrafo, Pascal Rambert (n. 1962) é diretor desde 2007 do T2G – Théâtre de Gennevilliers, que transformou em centro dramático nacional de criação contemporânea. As suas criações têm sido representadas na Europa, América do Norte, Norte de África, Rússia, Ásia. De entre elas podem destacar-se *Une (micro) histoire économique du monde, dansée* (2010), *Memento Mori* (2013), *Avignon à vie* (2013), *Répétition* (2014) e *Argument* (2016). Os seus textos estão publicados em França pela Solitaires Impepestifs, mas foram também traduzidos em várias línguas. As suas curtas-metragens foram selecionadas para os festivais de Pantin, Locarno, Miami e Paris.

Clôture de l'amour estreou a 17 de julho de 2011 no Festival de Avignon, com interpretação de Audrey Bonnet e Stanislas Nordey e encenação de Pascal Rambert. É uma peça premiada que Rambert encenou já em várias línguas e cidades: em russo no Teatro de Arte de Moscovo, em inglês em Nova Iorque, em croata em Zagreb, em italiano em Modena, Roma e no Piccolo Teatro de Milão, em japonês em Shizuoka, Osaka e Yokohama, em alemão em Berlim e no Thalia Theater de Hamburgo, em espanhol em Barcelona no Festival Grec e em Madrid no Festival de Otoño, em dinamarquês em Copenhaga, Aalborg, Aarhus e Odense.

Victor de Oliveira

Nascido em Moçambique, Victor de Oliveira formou-se em Lisboa no Curso de Atores do Instituto Franco-Português e em Paris no Conservatório Nacional, cidade onde vive desde 1994. Desde então trabalha essencialmente em França, mas também na Bélgica, Suíça e Luxemburgo e sobretudo em torno da dramaturgia contemporânea com encenadores como Serge Tranvouez, Philip Boulay, Clotilde Ramondou, Véronique Bellegarde, Myriam Muller, Michel Cerda, Yoshi Oida e Antoine Caubet, entre outros. Nos últimos anos trabalhou com Wajdi Mouawad (*Le dernier jour de sa vie*, Mons, 2015), Alexis Armengol (*A ce projet personne ne s'opposait*, Théâtre National de la Colline, 2015), ou ainda Stanislas Nordey (com quem irá voltar a fazer *Incendies* em maio próximo no Théâtre National de Strasbourg). No cinema destaca o trabalho com os realizadores Lise Machebouef, Cécile Chaspoul, Martin Amic e Dorothea Eckert-Schwegler. Em 2000 apresentou no Festival de Almada *Magnificat* a partir de textos de Fernando Pessoa e em 2006 interpretou *Na Solidão dos Campos de Algodão* de Bernard-Marie Koltès, com encenação de Philip Boulay, apresentado na Culturgest e integrado no Festival de Almada.

Gracinda Nave

Nascida em Guimarães, Gracinda Nave iniciou-se no TEUC em Coimbra e frequentou em seguida o Curso de

Teatro do IFICT e do Instituto Franco-Português em Lisboa. Trabalha como atriz desde 1991 em teatro, televisão e cinema. Trabalhou com os seguintes encenadores: João Lourenço, São José Lapa, Manuel Wiborg, Luis Miguel Cintra, Alexandre Lyra Leite, Maria do Céu Guerra, Hélder Costa e António Barros, entre outros. Integrou o elenco dos Artistas Unidos n'a Capital entre 1998 e 2002, destacando o trabalho com Jorge Silva Melo, João Fiadeiro, Gilles Lefevre Kirally e Solveig Nordlund. No cinema trabalhou, entre outros, com os realizadores João César Monteiro, Jorge Silva Melo, Manuel Mozos, Margarida Leitão, Teresa Garcia, Paulo Rocha, Miguel Gomes, Solveig Nordlund, Rodrigo Areias e José Miguel Moreira. Ganhou o prémio do Instituto Camões de melhor atriz de língua portuguesa no Festival de Vila do Conde com a *A Ferida* de Margarida Leitão.

Michel Gueldry

Michel Gueldry é cenógrafo, desenhador de luz e diretor técnico, e tem trabalhado com encenadores como Gérard Watkins, Pascale Henry, Adel Hakim, Joël Pommerat, Nasser Djemaï, Mathieu Loiseau, Jean-Philippe Naas, Massimo Bellini, Georges Bénichou, Sophie Buis, Prunella Riviére, Charlie Windschmit, Armand Gatti e Virginie Deville.

Vítor Rua

Nasceu em Mesão Frio em 1961. Improvisador, compositor e videasta. Músico autodidata, estudou guitarra

na Escola de Música Duarte Costa de 1974 a 1976 em curso lecionado por José Pina, no Porto. A partir de 1971, iniciou atividade profissional integrando conjuntos executantes de *covers* de pop-rock e criando grupos de rock para executar originais. Entre 1976 e 1977, integrou o grupo King Fisher's Band e, dois anos depois, fundou, com Alexandre Soares, os GNR. Com esta banda deu vários concertos, destacando-se o derradeiro no Festival de Vilar de Mouros de 1982. Nesse ano, conheceu Jorge Lima Barreto. Juntos formaram o grupo Telectu, um dos primeiros em Portugal a dedicar-se à música eletrónica improvisada. Recentemente, tem composto para teatro, dança e cinema.

A sua ópera *Uma Vaca Flatterzunge* estreou na Culturgest em 2009.

Edgar Oliveira

Edgar Oliveira é um artista visual luso-moçambicano. Iniciou os seus estudos na Escola Maumaus e no Ar.Co e desenvolveu o seu percurso formativo na Universidade de Sussex, em Londres, com um BA (Hons) em Belas Artes. Em Londres trabalhou com a Companhia Oily Cart e a companhia de teatro imersivo Living Structures. Fez parte do coletivo de arte Área 10 onde desenvolveu várias instalações artísticas, sendo a maioria *site-specific*. Foi membro do grupo performativo Psychological Art Circus. Atualmente vive e trabalha em Lisboa. É um dos fundadores do atelier de artistas Roundabout.lx, onde desenvolve o seu trabalho e produz um programa de residências artísticas.

Miguel Osório

Miguel Osório é licenciado em Design na ESAD das Caldas da Rainha. Desde 1998 participa em, concebe e cria objetos artísticos na área do audiovisual para eventos culturais e institucionais. Como *freelancer* ou colaborador em vários estúdios, criou e participou em produtos multimédia para festivais culturais e de música (Optimus Alive, Sudoeste TMN, etc.) e para bandas portuguesas (Buraka Som Sistema, Tiago Bettencourt, JP Simões, Valete e Cool Hipnoise, entre outros). É atualmente responsável pela produtora BLINQ, onde desenvolve produção de objetos multimédia: instalações audiovisuais, pós-produção para cinema, filmes promocionais, atuações nas áreas de VJ e *video mapping*.

Cláudia Lopes Costa

Com formação no curso de Técnicas de Cenografia de Lisboa e em diversos ateliers de fabricação de adereços, o trabalho de cenografia de Cláudia Lopes Costa passa pelo teatro, ópera, cinema, fotografia e desfiles de moda. Dos seus trabalhos mais recentes destacam-se a direção de decoração em “Haute Couture” de Mark Pillai (*Vogue* Rússia, fotografia de moda), *Les Poches* de Les Guzman (filme publicitário) e *Mutine* de Guillaume Legouille (cinema); decoração e adereços em *À Minha Maneira* (série de televisão); pintura de cenografia para o desfile de moda Dior em Paris; cenografia de *La boîte à joujoux* de François Chat

(Théâtre du Châtelet); pintura do tapete de terra de *O Barbeiro de Sevilha* da Companhia Nacional de Bailado.

Próximo espetáculo

Carlos Martins

© Paulo Seabra



Jazz Sex 12 de fevereiro

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h20 · M6

“O Jazz não é uma música em si mas uma maneira de se fazer música.”

Willis Conover · O quarteto de Carlos Martins apresenta o que será o seu mais recente álbum.

Próximo espetáculo de teatro

Guy de Cointet

© Manuel Fuentes



Teatro Sáb 5 e 19 de março

Pequeno Auditório · M12

Guy de Cointet desenvolveu, nas suas peças teatrais, um estilo muito próprio, pleno de artifício e de humor, construindo narrativas em que o familiar, o absurdo e o enigmático se entrelaçam, estabelecendo relações complexas e inesperadas entre linguagem verbal e construção visual (ou imaginação). A apresentação de várias dessas peças teatrais acompanha, até meados de maio, a exposição retrospectiva de Guy de Cointet na Culturgest.

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Estagiárias:

Cláudia Pereira

Nádia Luís

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Estagiária:

Aleksandra Kotova

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego nº50, 1000-300 Lisboa

Tel: 21 790 5155 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo

